

Chuíço - Presidente

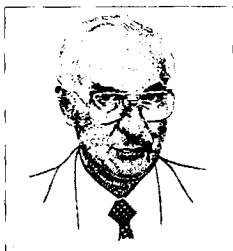
IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

A sucessão presidencial

O quando de sucessão presidencial que se delineia deverá levar necessariamente as eleições para um segundo turno. E, neste, deverá estar um dos candidatos da situação, se antes não houver uma composição entre os partidos que apóiam o atual governo, e um da oposição, possivelmente, em uma quarta tentativa, Luiz Inácio Lula da Silva.

A meu ver, teria o PT maiores possibilidades com o senador Suplicy, que sempre teve um bom desempenho eleitoral – ao contrário de seu presidente honorário – e que tem surpreendido por demonstrar um preparo cada vez maior sobre os grandes temas nacionais, evoluindo em várias posições, sobre estar mais desenvolvido em suas manifestações verbais. Em depoimento que prestei no Senado, na audiência pública sobre a Reforma do Judiciário, formulei questões com pertinência e conhecimento de causa, após minha exposição, deixando impressão positiva, inclusive nos magistrados presentes, alguns ministros de Tribunais Superiores. Por outro lado, o nível de rejeição a seu nome é menor, transitando por todas as correntes ideológicas com maior facilidade que o fundador do Partido dos Trabalhadores.

Dificilmente, todavia, Suplicy superará Lula na convenção partidária, devendo, portanto, o PT repisar, em sua quarta eleição, as mesmas



Segurança pública e estabilidade serão os temas mais relevantes da campanha

teses, que o futuro candidato petista já vem apresentando, em manifestações, cada vez mais frequentes, ou seja, de resistência ao capital financeiro estrangeiro, que denomina de especulativo; aos empresários nacionais, que têm “cara de sonegadores”; aos americanos, que são aproveitadores dos países emergentes; à Alca, por reduzir o País a um quintal dos Estados Unidos – sobre elogiar, em suas visitas internacionais, as ditaduras de Fidel Castro e da China, assim como o quase ditador Chaves e, curiosamente, defender o “protecionismo agrícola francês” contra os interesses brasileiros. É uma candidatura coerente com seu passado, visto que considera o governo Fernando Henrique entreguista e fracassado, e pretende mudar o País, num socialismo que considera moderno, apesar de não ter apresentado, nos últimos 20 anos, qualquer mudança nas teses que defendia, defende e, possivelmente, defenderá, se eleito.

De outro lado, o ex-ministro Serra, candidato do governo, é inegavelmente bem preparado para exercer a Presidência, tendo atuado com competência a função que lhe foi atribuída, sendo o Ministério da Saúde o que melhor “performance” apresentou no cenário governamental. Como candidato, entretanto, tem dificuldades em empolgar o povo. A candidatura da governadora do Maranhão é de maior trânsito na opinião

pública, embora, a meu ver, não ostente o mesmo preparo que o ministro Serra. Está respaldada, todavia, por um partido com “tecnologia de poder”. Mudam os governos e o PFL é sempre poder e esta vantagem não pode ser desconsiderada.

Um dos dois ou uma chapa mista com os dois deverá ir para o segundo turno.

As demais candidaturas deverão compor alianças de apoio para o segundo turno. O governador do Rio não terá condições de ultrapassar Lula, nada obstante sua habilidade nos palanques. Ciro Gomes não tem partido ou partidos capazes de lhe dar apoio nacional e – ao contrário de Lula, que sempre foi coerente nas idéias que reproduz há 20 anos –, apesar de ter sido um bom governador do Ceará e um mau ministro da Fazenda, traz o estigma de mudanças partidárias e adaptações ideológicas que podem levar o eleitor a temer um novo Fernando Collor. Itamar, Jungmann e os demais pré-candidatos possivelmente não serão candidatos. Resta o eterno candidato Enéas, único com porcentual assegurado de votos, ou seja, 3% do eleitorado brasileiro.

Neste quadro sucessório, parece-me que o grande debate vai dar-se no campo da segurança pública, do sistema financeiro e cambial, da retomada do desenvolvimento, do combate ao desemprego e das questões sociais pendentes. O tema da reforma agrária resta comprometido pela truculência do MST – que não respeita as leis, continuando a invadir propriedades – e por uma certa exaustão da polêmica, que já não comove tanto como no passado, visto que hoje a sociedade co-

nhece esse Movimento o suficiente para saber que está menos interessado na solução agrária do que na conquista do Poder.

Dentre as questões a serem debatidas, indiscutivelmente, a segurança pública e a estabilidade monetária e econômica serão as mais relevantes, cabendo ao presidente Fernando Henrique, se pretende fazer seu sucessor, dar sinais cada vez mais evidentes de que poderá entregar o País ao futuro chefe do Executivo, com as deficiências da Segurança Pública em via de superação e a estabilidade econômica, monetária e cambial assegurada. Aos candidatos cabe demonstrar que, se eleitos, saberão tratar essas questões com habilidade, principalmente as econômicas, pois um candidato com chances de vencer, se sinalizar permanentemente que não confia nas empresas nacionais e estrangeiras, poderá quando assumir o cargo encontrar a nação desguarnecida e sem interlocutores, pois entre a vitória eleitoral e a posse há tempo mais do que suficiente para fuga de capitais, o que, além de não ser bom para ele mesmo, seria muito ruim para o País.

Como todos os candidatos devem estar bem assessorados para o exercício de uma eventual Presidência, creio que o tema mereça reflexão e que a demagogia ideológica, na área da economia, deva ser definitivamente afastada.

■ Ives Gandra da Silva Martins é professor emérito das Universidades Mackenzie, Paulista e Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, presidente do Conselho de Estudos Jurídicos da Federação do Comércio do Estado de São Paulo e do Centro de Extensão Universitária (CEU)